

Contribuição para a filologia de Nietzsche: interpretação contextual

A contribution to Nietzsche's philology: contextual interpretation

João Paulo Simões Vilas Bôas*

Resumo: As reflexões que tratam de critérios de leitura e análise textual são de grande interesse tanto para pesquisadores como para estudantes de Filosofia. Quando se trata, porém, do pensamento de Friedrich Nietzsche, uma discussão sobre esse tema adquire importância absolutamente fundamental dentro e fora dos meios acadêmicos. Isso ocorre, em primeiro lugar, devido ao sinistro quadro de polêmicas e incertezas que envolveram a figura deste pensador alemão desde as primeiras repercussões de sua obra e, em segundo lugar, pela maneira peculiar e nem um pouco ortodoxa como Nietzsche expõe suas ideias. Diante deste quadro, este trabalho se propõe a apresentar as linhas mestras de uma vertente filológico-hermenêutica que, em anos recentes, vem adquirindo grande destaque no âmbito da *Nietzsche-Forschung*: a interpretação contextual, a qual se caracteriza justamente pela importância que concede ao contexto como elemento capaz de contribuir de maneira decisiva para a tarefa de compreensão e exegese textual.

Palavras-chave: interpretação contextual; filologia; hermenêutica; margem de manobra.

Abstract: The reflections which address criteria of textual reading and analysis are always of great interest both for researchers and for students of philosophy. However, when it comes to the thought of Friedrich Nietzsche, a discussion on this topic acquires an absolutely fundamental importance inside and outside the academia. This occurs firstly due to the sinister picture of polemics and uncertainties surrounding the figure of this German thinker since the first repercussions of his work and secondly by the peculiar and unorthodox way Nietzsche exposes his ideas. Given this situation, this paper aims to present the outlines of a philological-hermeneutic branch which in recent years has acquired great prominence in the *Nietzsche-Forschung*: the contextual interpretation, which is characterized precisely by the importance it gives to the context as an element capable of contributing decisively to the task of textual exegesis and comprehension.

Keywords: Contextual interpretation; philology; hermeneutics; margin of maneuver.

* Doutorando na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com bolsa da FAPESP. Campinas, SP, Brasil. Contato: jpsvboas@yahoo.com.br

O nome Friedrich Nietzsche, a despeito de sua inegável relevância como um dos pensadores de maior destaque do nosso tempo, esteve envolvido em polêmicas, incertezas e mal-entendidos desde as primeiras repercussões de sua obra. Para além da questão até hoje não inteiramente esclarecida acerca da real natureza da insanidade que roubou os últimos onze anos de sua vida lúcida¹, um dos acontecimentos que certamente marcou de maneira mais profunda a imagem deste pensador no meio cultural foi a apropriação que alguns ideólogos do nacional-socialismo – em especial Alfred Bäumler² – realizaram dos seus escritos no início do século XX, a qual teve como consequência a nefasta associação, ainda recorrente em alguns círculos intelectuais mesmo nos dias atuais³, entre as ideias de Nietzsche e o nazismo.

A esse respeito, gostaríamos de deixar assente que este trabalho não se propõe a retomar tal questão, visto estarmos inteiramente de acordo com o ponto de vista expresso por Mazzino Montinari em seu artigo intitulado *Interpretações nazistas*, de que é “impossível falar seriamente, desde que se permaneça no terreno sólido da história, de uma real assimilação de Nietzsche, como ele realmente foi e pensou, por parte do nacional-socialismo.” (MONTINARI, M., “Interpretações nazistas”, p. 56). Nesse texto, o autor italiano demonstra que esta aproximação só ocorreu graças aos recortes arbitrários e às grosseiras deformações levadas a cabo por pseudointelectuais – nada além de burocratas às ordens do partido nazista – que contaram com o auxílio das falsificações feitas por Elisabeth Förster-Nietzsche, a qual, por sua vez, também esteve entre os responsáveis pela invenção da farsa intitulada *A Vontade de Poder*.

¹ O diagnóstico original da doença mental de Nietzsche — “paralisia geral progressiva” causada por sífilis em estado terciário — realizado em conformidade com o paradigma médico da época, foi e continua sendo contestado por diversos estudos embasados tanto em informações biográficas como na literatura médica (Cf., por exemplo, HEMELSOET, D.; HEMELSOET, K.; DEVREESE, D. “The neurological illness of Friedrich Nietzsche” In: *Acta Neurologica Belgica*, 2008, 108, p. 9-16; CYBULSKA, E. “The madness of Nietzsche: a misdiagnosis of the millennium?” In: *Hospital Medicine*, 2000, 61 (8). P. 571-575; SCHAIN, R. *The Legend of Nietzsche's Syphilis*. Westport, Conn.: Greenwood Press, 2001; SAX, L. “What was the cause of Nietzsche’s dementia” In: *Journal of Medical Biography*, 2003, Nr. 11, p. 47-54). Um dos principais argumentos contra a sífilis é o de que o tempo médio de sobrevivência de um paciente nesta condição é de 6 meses e, em toda a história da medicina, não há um único registro de alguém que tenha sobrevivido nesta condição por mais de 5 anos, o que torna esta teoria incompatível com os 11 anos em que Nietzsche viveu na loucura. Em lugar da sífilis, a discussão passou a concentrar-se em torno de algumas modalidades de doenças degenerativas, algumas das quais de origem genética, como a demência frontotemporal, o câncer no cérebro ou uma síndrome conhecida como CADASIL (acrônimo para arteriopatia cerebral autossômica dominante com infartos subcorticais e leucoencefalopatia). Além de não serem incompatíveis com a vida do filósofo alemão, as hipóteses de uma moléstia de natureza genética encontram respaldo na morte prematura do pai de Nietzsche, diagnosticada, na época, como tendo sido causada por “amolecimento do cérebro”. Todavia, o assunto permanece controverso ainda hoje.

² Cf. MONTINARI, M., “Interpretações nazistas”, p. 55-77.

³ *Idem*, p. 55.

Se, por um lado, é evidente que grande parte da má-fama do filósofo de Naumburg se deve a interesses e eventos que não guardam absolutamente nenhuma relação com suas reflexões filosóficas, por outro lado, contudo, surpreende o não pequeno número de divergências interpretativas entre os principais estudiosos de Nietzsche, que se fazem presentes mesmo em relação àquelas ideias que são tradicionalmente consideradas como os “conceitos” principais de seu pensamento, como o além-do-homem, a vontade de poder, o eterno retorno, o niilismo, etc.

Nossa afirmação pode ser verificada quando se considera, por exemplo, as disputas interpretativas sobre o que viria a ser o sentido do eterno retorno⁴, ou ainda os diferentes sentidos assumidos pelo termo niilismo⁵ ou pela expressão grande política⁶ nos textos de Nietzsche.

A causa de tais divergências não pode simplesmente ser reputada à mera idiossincrasia dos comentadores, mas antes está diretamente relacionada com algumas peculiaridades que caracterizam a forma da escrita de Nietzsche, entre as quais destacam-se a escrita em aforismos; a falta de ordenação na apresentação de suas teses segundo as tradicionais divisões das áreas de conhecimento; a ausência de enunciação e de desenvolvimento de argumentos de maneira sistemática, metódica e organizada; e ainda, a igual carência de conclusões claras.

A estas características peculiares se soma também a adoção de uma postura totalmente inesperada e nãoacadêmica no que diz respeito ao trato com seus interlocutores. Em Nietzsche, o engajamento formal num determinado tópico de debate é rejeitado em favor do escrito polêmico. Por fim, faz-se necessário apontar ainda uma característica que, a nosso ver, possui importância fundamental, a saber: a recusa do emprego de uma terminologia unívoca por parte do pensador alemão. Com isso queremos dizer que, em Nietzsche, uma mesma palavra ou expressão assume diferentes significados conforme o contexto em que está inserida, sendo que, algumas vezes, estes sentidos diferentes atribuídos a um mesmo termo sequer são compatíveis entre si.

⁴ Scarlett Marton, no artigo intitulado “O eterno retorno do mesmo. Tese cosmológica ou imperativo ético?”, oferece um panorama bastante esclarecedor sobre as principais interpretações acerca do eterno retorno (Cf. MARTON, S., “O eterno retorno do mesmo. Tese cosmológica ou imperativo ético?”, p. 11-32).

⁵ Acerca dos diferentes sentidos com os quais Nietzsche emprega o termo niilismo em seus escritos tardios, Cf. ARALDI, C., “Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche”, p. 75-94, e também, de minha própria autoria, “Niilismo e vontade de verdade no pensamento de Nietzsche”, p. 73-93.

⁶ Cf. VIESENTEINER, J., *A Grande Política em Nietzsche*, e também VILAS BÔAS, J. P. S. *A grande política como proposta de superação do niilismo em Nietzsche*.

Conquanto tais peculiaridades façam com que a tarefa de comentar os escritos de Nietzsche não possa se dar nos mesmos moldes de um trabalho sobre as ideias de algum outro filósofo sistemático da tradição do pensamento Ocidental, isso não significa que não possam existir critérios que orientem uma boa apreciação dos textos de Nietzsche, e é justamente de uma discussão acerca de critérios de leitura que pretendemos nos ocupar nas páginas que se seguem.

Inicialmente gostaríamos de destacar as técnicas de análise e interpretação textual empregadas por Elisabeth Kuhn no trato com as obras do pensador alemão. Já na introdução do seu livro *Friedrich Nietzsches Philosophie des europäischen Nihilismus*, a pesquisadora elenca quatro procedimentos filológicos que irão orientar seu trabalho, sendo que o primeiro deles refere-se diretamente a este aspecto multívoco das palavras em Nietzsche. Denominado semasiologia, ele se constitui na análise dos diferentes significados que uma mesma palavra pode possuir, ao mesmo tempo em que busca investigar as condições – “o como e o porquê” (KUHN, E., *Friedrich Nietzsches Philosophie des europäischen Nihilismus*, p. 4) – em que se deram tais mudanças de sentido. A autora emprega o mencionado procedimento não apenas neste livro – onde o objetivo é o de compreender o niilismo e seus desdobramentos na obra de Nietzsche como um todo – mas também o faz num artigo, no qual aplica estes mesmos critérios de maneira mais restrita para analisar especificamente o contexto das primeiras reflexões do pensador alemão sobre o niilismo à luz da leitura da obra *Pais e Filhos*, do escritor russo Ivan Turguêniev.

Situando-se numa perspectiva de trabalho filológico semelhante, Werner Stegmaier, no artigo *Nietzsche como destino da filosofia e da humanidade? Interpretação contextual do § 1 do capítulo “Por que sou um destino”, de Ecce homo* também ressalta o caráter multívoco dos escritos de Nietzsche:

Conforme sua sentença de que “todos os conceitos em que um processo inteiro se condensa semioticamente se subtraem à definição; definível é apenas aquilo que não tem história” (GM/GM, II, §13), Nietzsche evitou definições fixas. E ainda, contrariamente à imagem criada pela compilação de fragmentos *A Vontade de Poder*, ele não apresentou quaisquer resultados conclusivos para sua filosofia. Mesmo em textos onde ele formulou estes resultados experimentalmente para si, como, por exemplo, no fragmento Lenzer Heide⁷, era evidente que ele não tinha a intenção de publicá-los. Assim como mais tarde Wittgenstein, Nietzsche procurou

⁷ O autor refere-se ao fragmento póstumo NF/FP 5 [71], 10 de Junho de 1887.

continuamente trazer conceitos filosóficos aparentemente inequívocos de volta para o seu uso cotidiano e para as múltiplas margens de manobra (*Spielräume*) e, acima de tudo, procurou também trazer o pensamento, das ilusões metafísicas, de volta para “terapias”.

Em Nietzsche, os conceitos são sempre utilizados em um contexto específico que lhes fornece um sentido específico; sendo que, em contextos alternativos, eles recebem um sentido alternativo. (STEGMAIER, W., *Nietzsche como destino da filosofia e da humanidade?* p. 247).

Uma atenção especial merece ser concedida à palavra alemã *Spielraum* – que traduzimos por margem de manobra –, empregada por Stegmaier para indicar esta condição de mobilidade semântica na qual uma mesma palavra pode, sob determinadas condições, ser compreendida de maneiras diferentes. O próprio Nietzsche a utilizou, entre outras passagens, no aforismo 27 de *Além de Bem e Mal* para referir-se a este espaço de impossibilidade de fixação de um sentido definitivo, e declarou que sua intenção era de deixar propositalmente uma margem de manobra para mal-entendidos.

agora mesmo eu faço tudo para propriamente ser mal compreendido? [...] Mas no que diz respeito aos “bons amigos” [...] procede-se bem ao conceder-lhes já de início uma margem de manobra (*Spielraum*) e arena (*Tummelplatz*) para mal-entendidos (JGB/BM, §27)⁸.

Esta estranha e aparentemente paradoxal intenção do filósofo – afinal de contas, quem escreveria um livro para ser mal compreendido? – passa a ganhar sentido quando se leva em consideração o seu esforço em selecionar um público de leitores que estivesse em condições de apreciar seus escritos. Conforme sua própria declaração – no aforismo 381 d’A *Gaia Ciência*, o qual discute a possibilidade de que seus escritos sejam ou não compreendidos – Nietzsche preocupou-se em preservar suas ideias de mãos indesejadas, e esforçou-se por reservá-las somente àqueles que seriam semelhantes a ele: seus amigos, seus bons ouvintes e bons leitores.

Todo espírito e gosto mais destacado, quando quer se comunicar, escolhe para si também seus ouvintes; ao escolhê-los, ele simultaneamente traça suas barreiras contra “os outros”. Todas as leis mais refinadas de um estilo têm aí sua origem: elas mantêm longe, elas criam distância, elas proíbem “a entrada”, a compreensão, como

⁸ Todas as traduções dos textos de Nietzsche são de nossa própria autoria.

foi dito, – enquanto abrem os ouvidos àqueles que nos são aparentados pelo ouvido (FW/GC, §381).

E quem seriam estes bons amigos e leitores, de alguma forma “aparentados” com o filósofo? Se nos basearmos nas expectativas do próprio Nietzsche, eles ainda não **são**, mas **estariam por vir**. Em vista do tom fortemente crítico das colocações do pensador sobre a cultura, a política, as instituições e os homens de seu tempo, não é de surpreender que a ele pareça “não apenas compreensível, mas justo” (EH/EH, “Por que escrevo livros tão bons”, §1) que nenhum dentre seus contemporâneos esteja preparado para ler seus escritos.

Nesse sentido, o estilo da escrita do filósofo – que evita propositalmente definições fixas e unívocas – tenciona, entre outros objetivos⁹, lançar por terra toda pretensão de cristalização de sua filosofia em um sistema de conceitos e, com isso, repelir justamente aqueles leitores ávidos de sistemas de verdades organizadas, que têm necessidade de encontrar uma certeza definitiva a qualquer custo.

Vale ressaltar ainda que, ao nos referirmos às variações de sentido dos termos em Nietzsche conforme o contexto, não queremos com isso, de forma alguma, apoiar a tese de que os principais “conceitos” em Nietzsche passariam, ao longo de sua obra, por uma espécie de processo evolutivo, que desembocaria numa tese final e acabada e que, portanto, todas as eventuais mudanças de sentido deveriam ser apreciadas à luz desta suposta conclusão final de sua filosofia.

Trata-se aqui de não perdermos de vista que o filosofar em Nietzsche se deu, conforme ele próprio assim o afirmou em diversas passagens, por meio de experimentos¹⁰. Com isso, da mesma forma como o filósofo argumenta, no parágrafo 12 da segunda dissertação de *Para a Genealogia da Moral*, a respeito das transformações sofridas pelas instituições, doutrinas, religiões, etc., entendemos que as transformações de sentido operadas em algumas ideias centrais de seu pensamento correspondem a movimentos de reinterpretação, reavaliação e transformação operados pelo filósofo com

⁹ Faz-se necessário ressaltar que o objetivo de selecionar seu público de leitores e a conseqüente preocupação em preservar suas ideias de mãos impuras e inábeis não esgota o sentido das reflexões de Nietzsche sobre a possibilidade de compreensão, incompreensão ou má-compreensão de seus escritos. Há pesquisadores que enxergam nos dois aforismos mencionados (FW/GC, §381 e JGB/BM, §27) o cerne de uma reflexão mais ampla que objetivaria colocar em questão a pretensão de que todo discurso, quando bem articulado, poderia ser compreendido por qualquer um. A esse respeito, Cf. VIESENTEINER, J. L., *Experimento e vivência: a dimensão da vida como pathos*, especialmente o capítulo 3.

¹⁰ Cf. os seguintes textos: NF/FP 7 [261], primavera/verão de 1883; NF/FP 16 [32], primavera/verão de 1888; NF/FP 24 [1], outubro/novembro de 1888 e também FW/GC, §110.

suas próprias ideias. Conduzir o pensamento e escrever por meio de tais saltos e mudanças, deixando o sentido de suas principais teses sujeito às variações de margens de manobra – constituindo, desse modo, uma “filosofia experimental” (NF/FP 16 [32], primavera/verão de 1888) – foi a forma encontrada pelo pensador para não permitir que suas ideias se cristalizassem em um sistema unívoco de verdades indelével e, desse modo, permanecessem fluidas.

não há princípio mais importante para todo tipo de história do que este [...]; que algo existente, que de algum modo atingiu uma posição, é sempre interpretado a partir de novos pontos de vista, novamente monopolizado, transformado e redirecionado para uma nova utilidade, por um poder que lhe é superior; [...] que todo acontecer no mundo orgânico é um *subjugar*, *assenhorear-se*, e todo subjugar e assenhorear-se é um novo interpretar, um reajustar, por meio do qual o “sentido” e o “objetivo” anteriores precisam ser necessariamente obscurecidos ou completamente suprimidos. [...] todos os objetivos, todas as utilidades são apenas *indícios* de que uma vontade de poder se assenhoreou de algo menos poderoso e gravou sobre ele o sentido de uma função; e toda a história de uma “coisa”, um órgão, um uso, pode, desse modo, ser uma contínua cadeia de signos de interpretações sempre novas e de reajustes, cujas causas não precisam estar relacionadas entre si, antes se sucedem e se substituem sob condições meramente casuais. Consequentemente, “desenvolvimento” de uma coisa, de um órgão, é tudo menos o seu *progressus* em direção a um fim, menos ainda um *progressus* lógico e rápido, alcançado com o menor dispêndio de força e de custos – mas sim a sucessão de processos de subjugação que nela ocorrem, mais ou menos profundos, mais ou menos independentes uns dos outros, considerados juntamente com as resistências a cada vez acionadas em sentido contrário, com as metamorfoses da forma tentadas com o objetivo de defesa e reação, e também os resultados de ações contrárias bem-sucedidas. A forma é fluida, mas o “sentido” o é ainda mais... (GM/GM, II, §12).

Um exemplo claro de como se deram tais releituras e reinterpretações são os prólogos redigidos por Nietzsche em 1886 à *Gaia Ciência*, aos dois volumes de *Humano, demasiado humano* e *Aurora*, além da “tentativa de autocrítica” acrescentada neste mesmo ano a *O Nascimento da Tragédia*, e também os capítulos de *Ecce homo* nos quais ele comenta cada um dos seus escritos publicados até então.

Diante da importância deste panorama de instabilidade semântica que acabamos de apresentar no interior da economia argumentativa nietzscheana, caberia aqui então perguntar se, uma vez que o pensador alemão deixa claro que toda finalidade, utilidade e função não seriam nada mais que o resultado de uma apropriação, de uma atividade

deliberada de sujeição e de transformação; e ainda, uma vez que ele próprio estruturou e expôs suas principais teses de modo a selecionar seu público de leitores, oferecendo a seus “bons amigos” (JGB/BM, §27) “uma ampla (*reichlich*) margem de manobra para mal-entendidos” (NF/FP 1 [182], inverno de 1885/primavera de 1886), então não seria possível afirmar que a própria tarefa de “compreensão” da sua obra filosófica – o comentário de natureza filológica e exegética – já não seria desde sempre também uma apropriação, uma sujeição, um assenhoreamento, no qual o leitor e intérprete precisará lidar com as diferentes margens de manobra legadas pelo filósofo, movendo-se no interior delas, preenchendo-as, enfim, concedendo-lhes sentido a partir de seus próprios interesses e vivências pessoais?

Julgamos ter motivos suficientes para concluir que a resposta seria afirmativa. Mas o que se poderia então concluir disso? Que toda e qualquer tese sobre Nietzsche, na medida em que corresponderia a uma ação deliberada da parte do leitor em trabalhar com as diferentes possibilidades de significado abarcadas pela fluidez de sentido dos conceitos, iluminando-as a partir de suas próprias vivências, seria válida?

Absolutamente não! Ao defendermos que toda leitura e tentativa de compreender o discurso de Nietzsche já implica necessariamente numa atividade da parte do leitor em trabalhar com os espaços semânticos abertos e indefinidos deixados propositalmente pelo filósofo, não queremos dizer que apenas isso bastaria. De forma alguma defendemos que, em se tratando de Nietzsche, “vale tudo”. Há uma outra condição de fundamental importância na determinação do sentido de um termo em Nietzsche e que, a nosso ver, representa justamente a diferença entre uma leitura de qualidade e uma leitura ruim, qual seja: o contexto.

Uma vez que o esforço declarado do filósofo teve por finalidade fazer com que seus conceitos se apresentassem ao leitor de maneira fluida no interior de um espaço semântico indeterminado – o que impossibilita que eles possam ter seu sentido fixado de modo unívoco e definitivo –, então a única determinação a que se pode aspirar acerca do sentido dos termos em Nietzsche é aquela que trata dos **limites das margens de manobra**, ou seja, da fronteira que delimita o “interior indeterminado” do *Spielraum*, separando-o do âmbito semântico no qual toda tentativa de se discutir as ideias de Nietzsche fracassa por carecer de base textual.

A nosso ver – e aqui filiamo-nos à corrente filológico-interpretativa de Stegmaier¹¹ –, tal determinação só é possível por meio de um estudo detalhado do contexto no qual uma determinada obra foi escrita ou uma determinada tese foi elaborada.

uma interpretação metódica e reflexiva dos textos de Nietzsche deve perseguir os contextos nos quais ele utiliza os seus conceitos e desenvolver o processo semiótico no qual eles possivelmente recebem novos sentidos. Apenas esse método, por mais demorado e amplo que possa ser, assegura uma exploração metódica da filosofia de Nietzsche, que segue a exigência metódica do próprio filósofo de que se leia seus escritos “lentamente” e em seu próprio contexto, sem extrair deles “doutrinas” gerais e apressadas. (STEGMAIER, W., *Nietzsche como destino da filosofia e da humanidade?*, p. 247)¹².

Tal investigação do contexto se faria por meio de um entrecruzamento das referências dos textos publicados com os fragmentos póstumos e cartas de uma mesma época. Se considerarmos os textos preparatórios das principais obras e as várias revisões e modificações às quais Nietzsche submetia seus escritos antes de dar-lhes uma forma definitiva para publicação, perceberemos que há uma abundância de material nos fragmentos póstumos que se relaciona diretamente com passagens cruciais de sua obra publicada. Uma análise cuidadosa deste material se mostra de importância fundamental na iluminação de passagens obscuras, no esclarecimento de alguns temas que são mencionados apenas de maneira breve na obra publicada – os quais só chegaram a ser desenvolvidos em maior profundidade nos póstumos – e ainda no desvelamento de aspectos genealógicos do texto publicado que esclarecem o percurso trilhado pelo pensador no desenvolvimento de suas reflexões, no qual o filósofo acolhe certas ideias – que acabam sendo publicadas – e decide rejeitar outras, ou então reservá-las apenas para si.

Todavia, se por um lado Stegmaier reconhece a importância de se considerar os textos póstumos na tarefa de reconstrução do contexto de um determinado conjunto de

¹¹ Tamanha é a importância que este pesquisador concede à investigação do contexto para uma melhor compreensão das teses em Nietzsche que ele próprio, em diversos artigos, autodenominou seu trabalho como “interpretação contextual”. Cf. por exemplo, o artigo ‘Philosophischer Idealismus’ und die ‘Musik des Lebens’. Zu Nietzsches Umbang mit Paradoxien. Eine kontextuelle Interpretation des Aphorismus Nr.372 der *Fröhlichen Wissenschaft*.

¹² A última frase da citação termina com uma referência a outro artigo do mesmo autor, intitulado Nach Montinari. Zur Nietzsche-Philologie. A referência à “exigência metódica” de Nietzsche remete a M/AA, prólogo, §5.

reflexões em Nietzsche, vale ressaltar que este emprego deve ser realizado concedendo-se sempre prioridade ao material publicado. Em suas palavras:

não é aceitável que se encontre a “verdadeira filosofia de Nietzsche” justamente em suas anotações, e é filologicamente desonesto considerar suas anotações póstumas como fragmentos de suas verdadeiras “doutrinas”. Em suas anotações, Nietzsche gravou resultados de leituras, intuições, esquemas, linhas de reflexão e rascunhos, experimentou com eles, reescreveu-os, agrupou-os – e então, em suas publicações, recorreu a elas de modo muito livre ou não. Quando ele as publicava, raramente o fazia do modo como primeiramente as havia formulado. Segundo princípios filológicos, somente a versão publicada (ou, no que concerne aos últimos escritos, aquela projetada para publicação) pode ser a versão válida. Apenas esta foi autorizada por Nietzsche, e ele a publicou de tal modo conforme as “leis sutis” de seu estilo, que justamente os “bons amigos” devem ser deixados inseguros quanto à segurança de suas interpretações. “Bons leitores” deveriam observar isso. (STEGMAIER, W., *Nach Montinari. Zur Nietzsche-Philologie*, p. 90)

Como uma última observação, pensando ainda em termos de margens de manobra, **se, de um lado, não é possível apontar uma leitura verdadeira dos textos de Nietzsche** – pois, como foi visto, o modo como o filósofo enuncia suas principais teses impede uma determinação absoluta do que se encontra “do lado de dentro” deste espaço de mobilidade semântica –, **por outro, é possível apontar leituras falsas**, pois o contexto no qual suas teses foram elaboradas determina um limite fora do qual já não é mais possível remeter uma ideia a Nietzsche, sob pena de se ferir a própria “honestidade intelectual”¹³, para usar uma expressão cara ao filósofo.

Com isso, acreditamos ser possível concluir afirmando que, por meio de uma interpretação contextual dos seus escritos, seria possível atender à exigência colocada pelo próprio pensador aos seus “pacientes amigos” de que o “*aprendam a ler bem*”, pois, assim como *Aurora*, seus outros escritos também “desejam para si apenas leitores e filólogos perfeitos” (M/AA, prólogo, §5).

¹³ Cf. GD/CI, “Incursões de um extemporâneo”, §16; EH/EH, “O Caso Wagner”, §2; AC/AC, §12; NW/NW, “Nós, antípodas”.

Referências Bibliográficas

- ARALDI, Clademir L. Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche. *Cadernos Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial, Nº 5, pp. 75-94, 1998.
- CYBULSKA, E. “The madness of Nietzsche: a misdiagnosis of the millennium?” In: *Hospital Medicine*, 2000, 61 (8). P. 571-575.
- HEMELSOET, D.; HEMELSOET, K.; DEVREESE, D. “The neurological illness of Friedrich Nietzsche” In: *Acta Neurologica Belgica*, 2008, 108, p. 9-16.
- KUHN, Elisabeth. *Friedrich Nietzsches Philosophie des europäischen Nihilismus*. Berlim: Walter de Gruyter, 1992.
- _____. Nietzsche's Quelle des Nihilismus-Begriffs. *Nietzsche-Studien*. Berlim: Walter de Gruyter, Nº 13, pp. 253-278, 1984.
- MARTON, Scarlett. O eterno retorno do mesmo. Tese cosmológica ou imperativo ético? In: TÜRCKE, Christoph (org.). *Nietzsche, uma provocação*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, Goethe-Institut/ICBA, 1994, pp. 11-32
- MONTINARI, Mazino. Interpretações nazistas. Trad. Dion Davi Macedo. *Cadernos Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial, Nº 7, pp. 55-77, 1999.
- SAX, L. “What was the cause of Nietzsche’s dementia” In: *Journal of Medical Biography*, 2003, Nr. 11, p. 47-54.
- SCHAIN, R. *The Legend of Nietzsche's Syphilis*. Westport, Conn.: Greenwood Press, 2001.
- STEGMAIER, Werner. Nach Montinari. Zur Nietzsche-Philologie. *Nietzsche-Studien*. Berlim: Walter de Gruyter, Nº 36, pp. 80-94, 2007.
- _____. Nietzsche como destino da filosofia e da humanidade? Interpretação contextual do §1 do capítulo “Por que sou um destino”, de *Ecce homo*. Trad. João Paulo S. Vilas Bôas. *Trans/Form/Ação*. Marília: Universidade Estadual Paulista – Depto. de filosofia, Vol. 33, Nº. 2, pp. 241-277, 2010.
- _____. ‘Philosophischer Idealismus’ und die ‘Musik des Lebens’. Zu Nietzsches Umbang mit Paradoxien. Eine kontextuelle Interpretation des Aphorismus Nr.372 der *Fröhlichen Wissenschaft*. *Nietzsche-Studien*. Berlim: Walter de Gruyter, Nº 33, pp. 90-128, 2004.
- VIESENTEINER, Jorge L. *A Grande Política em Nietzsche*. São Paulo: Annablume, 2006.

_____. *Experimento e vivência: a dimensão da vida como pathos*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2009.

VILAS BÔAS, João Paulo Simões. *A grande política como proposta de superação do nihilismo em Nietzsche*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, 2011.

Disponível em: http://www.filosofia.ufpr.br/?page=mestrado_dissertacoes

_____. Nihilismo e vontade de verdade no pensamento de Nietzsche, *Trágica: Estudos sobre Nietzsche*, Nº 2, p. 73-93, 2009.

Recebido em: 18/07/2012 – Received in: 07/18/2012

Aprovado em: 01/10/2012 – Approved in: 10/01/2012